

Resumo: A CF-2013 integra o conjunto dos esforços da Igreja para evangelizar a juventude. A maneira de ser jovem tem evoluído historicamente desde o começo da sociedade industrial, caracterizada especialmente por fatores econômicos. Nesse contexto, o/a jovem é entendido em seus estágios de formação e de passagem da dependência familiar para a autonomia e inserção social. A presente mudança de época na qual vivemos, distancia-se dos paradigmas tradicionais de compreensão da juventude, especialmente por causa das novas tecnologias, da ciência e da cultura mediática. O jovem vem tornando-se muito vulnerável a todo tipo de influências culturais, econômicas, morais e religiosas. Essa situação, junto com as desigualdades sociais, desafia a ação evangelizadora da Igreja em relação aos jovens. A evangelização deve ser capaz de guiar o jovem em sua busca de sentido. Somente dessa maneira o jovem será confirmado em seu papel de protagonista na Igreja e na Sociedade.

Abstract: The 2013 Fraternity Campaign integrates the whole of the efforts of the Church in order to evangelize the youth. The way of being young is developed historically since the starting of the industrial society, characterized mainly by economical factors. In this context, the young man/woman is understood in his/her stages of formation and of passage from the familiar dependency to the social autonomy and insertion. The present epochal change in which we all live, cuts from the traditional paradigms of understanding the youth, especially because of the new technologies, the science and the mediatic culture. The young become highly vulnerable to every type of cultural, economic, moral and religious influences. This situation, together with the social inequalities, challenges the evangelizing action of the Church in regard to the young. The evangelization must be capable of guiding the young in searching of sense. Only in this way the young man/woman is confirmed as a protagonist in Church and Society.

CF 2013 “Fraternidade e Juventude”

O protagonismo dos jovens na Igreja e na Sociedade

*Luiz Carlos Dias**

* O autor é presbítero da diocese de São João da Boa Vista, SP, e Secretário Executivo das Campanhas da Fraternidade e Evangelização, da CNBB.



Introdução

Diversas vezes ouvimos dos ministros ordenados e dos agentes de pastoral a seguinte expressão: “Trabalhar com jovens é muito difícil!” Esta frase deixa entrever uma série de desafios que devem ser enfrentados por aqueles que se empenham nesta pastoral. Contudo, tais desafios não podem ser compreendidos como impossibilidade ou motivos para desistência do anúncio e do serviço aos jovens. Na verdade, eles requerem um esmerado esforço de nossa parte, a fim de compreender o mundo juvenil e as profundas mudanças culturais que o envolvem.

Sabemos que a evangelização requer um amor redobrado e este, por sua vez, requer conhecimento. Ninguém pode amar verdadeiramente o que não conhece bem (cf. IJo 2,5-6). Por isso, o mundo juvenil, antes de tudo, deve se apresentar a nós como uma fonte inesgotável de conhecimentos. E o conhecimento que daí se pode obter é sempre dialético.

Quando nos aproximamos dos jovens para conhecê-los, estamos simultaneamente conhecendo e reconhecendo a nós mesmos. Isto, porque todos experimentam o que é a juventude como uma fase da evolução do ser humano e como um estado de espírito, que permanece dentro de nós como força geradora de vida e esperança.

Também não podemos nos esquecer de que toda e qualquer realidade pode ser evangelizada. A nossa fé nos impele a este anúncio, pois “*o amor de Cristo é que nos impulsiona*” (2Cor 5,14). É o Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, que infunde em nós um autêntico desejo missionário de fazer Cristo conhecido, amado e adorado. Por isso, “sem perdermos a coragem e renovando o nosso ser interior a cada dia” (2Cor 4,16), devemos à luz da fé nos esforçar para compreender o mundo atual e o fenômeno juvenil, servindo-nos também das ciências modernas, sobretudo das ciências sociais, e aprofundando as questões que se nos impõem sob a guia da Sagrada Escritura e da Tradição da Igreja. Assim, poderemos oferecer linhas e pistas de ação que contribuam eficazmente para o serviço do Evangelho.

Neste sentido, a Igreja no Brasil, com a Campanha da Fraternidade 2013, deseja propiciar uma sincera *acolhida aos jovens, propiciando caminhos para seu protagonismo no seguimento de Jesus Cristo, na vivência eclesial e na construção de uma sociedade fraterna fundamentada na cultura da vida, da justiça e da paz*. Do objetivo geral, desdobram-se três objetivos específicos fundamentais:



Propiciar aos jovens um encontro pessoal com Jesus Cristo, a fim de contribuir para sua vocação de discípulos missionários e para a elaboração de seu projeto pessoal de vida; possibilitar aos jovens uma participação ativa na comunidade eclesial, que lhes seja apoio e sustento em sua caminhada, para que eles possam contribuir com seus dons e talentos; e sensibilizar os jovens para serem agentes transformadores da sociedade, protagonistas da civilização do amor e do bem comum.¹

A Igreja possui uma longa caminhada de experiências com a juventude². Basta recordar os movimentos ligados à Ação Católica Especializada (JAC, JEC, JOC, JIC e JUC). Como grande educadora e “mestra em humanidades”³, sempre fomentou e apoiou as iniciativas de formação juvenil e defendeu a dignidade e a importância do jovem. É devido a este imenso arcabouço de experiências e conhecimentos, que a Igreja quer falar ao coração de cada jovem e convidá-lo a se abrir ao encontro pessoal e profundo com Jesus Cristo, que pode dar verdadeiro significado à nossa existência.

Para que este desejo se realize de modo eficaz, a Igreja no Brasil se vê empenhada nesta tarefa e conclama especialmente o clero, os religiosos, os catequistas, os seminaristas e agentes pastorais, a assumirem com o coração a *opção preferencial pelos jovens e pelos pobres*,⁴ para que resplandeça cada vez, mais num mundo dilacerado por discórdias, a luz de Cristo Ressuscitado, Senhor da História.

Tendo como embasamento o Texto Base da CF 2013, cujo tema é “*Fraternidade e Juventude*” e lema “*Eis-me aqui, envia-me!*” (Is 6,5), queremos com o presente artigo traçar algumas indicações e referências úteis ao serviço pastoral e que possam remeter os agentes a um aprofundamento dessas indicações nas fontes da fé cristã.

Este artigo se divide em três seções: na primeira, através de uma mediação sócio-analítica, será considerada uma análise do fenômeno juvenil e sequencialmente a análise se estenderá a uma reflexão fundamentada na categoria de “protagonismo juvenil” na sociedade; na terceira seção será abordada a mediação hermenêutica, que procurará julgar os dados da análise sócio-histórica a partir dos princípios da fé cristã, para

¹ CNBB, *Texto Base CF 2013*. n. 1.

² Cf. *Idem*, n. 78-79.

³ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica “O Rápido desenvolvimento”*. Vaticano. 25 de janeiro de 2005, n. 10.

⁴ CELAM, *Conferência de Puebla*. Petrópolis, R. J., 1979, n. 1186.



que, como mediação prática, sejam delineadas algumas indicações importantes às ações pastorais, a fim de fomentar o protagonismo jovem nas comunidades eclesiais.

1 O “fenômeno juvenil”

1.1 A constituição histórica do segmento adolescente-juvenil

A constituição de uma classe adolescente-juvenil do ponto de vista sociológico somente pôde ser identificada em meados do século XX. E tratou-se de um fenômeno de abrangência mundial, com ampla e importante incidência nas sociedades contemporâneas, pois a cultura juvenil adquiriu caráter central em nossa sociedade.

Com a emergência das novas formas de marketing capitalista nos EUA, em meados da década de 1940, a categoria social “jovem” começou a ser explorada por publicitários e industriais, que compreenderam o poder de consumo dos adolescentes.⁵ Os jovens entraram no cenário das reflexões e se tornaram um público-alvo. O que também significava que eles tinham se transformado num grupo etário específico, com rituais, direitos e exigências próprias.

A convergência de forças na década de 1960 viabilizou e concretizou o borbulhar de novas formas de subjetivação juvenil, que passou a se compreender e se colocar no mundo como sujeito de direitos e deveres, concluindo assim o processo iniciado em meados do século XIX. Os movimentos estudantis apresentavam-se organizados e bastante politizados em diversos países ocidentais. A juventude sentia-se impulsionada a manifestar seus desejos e anseios, procurando viver segundo suas próprias regras, situação que provocou grave conflito de gerações e a produção de novas maneiras de ser e estar no mundo.

Nesse sentido, o “Maio de 68” significou a independência da juventude da tutela do mundo adulto, tomando em suas mãos o poder sobre si. Seu cotidiano, modificado por suas práticas juvenis, gerou novos modos de existência e a nova cultura juvenil das últimas décadas.

⁵ A constante exposição do jovem com suas peculiaridades nos meios de comunicação foi um dos principais fatores para a sua configuração como categoria social. Conf. BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. M.; OLIVEIRA, R. C. A. (Coords). *Jovens na cena metropolitana*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1ª Edição, 2009, p. 151.



A Paris de 1968 foi o marco do movimento que eclodiu em várias partes do mundo. Nos EUA, *Woodstock* marcou a emergência da cultura *Hippie* numa luta pacífica contra o militarismo, o consumismo e a degradação ambiental. Este movimento ganhou força no Brasil nos anos 70, fazendo engrossar as fileiras daqueles que lutaram contra a ditadura militar e seu modelo repressor.

A cultura juvenil, impulsionada pelo crescente capitalismo selvagem e o marketing desenfreado, a buscar sempre mercados fiéis, tem avançado em nossas sociedades ocidentais. O jovem é o objeto de consumo cobiçado pelo mercado capitalista. É esta relação de consumo que alimenta a cultura juvenil, utilizando no *marketing* aquilo que os jovens gostam e fazem: sua música, suas roupas, sua estética, sua linguagem etc.

1.2 A juventude e suas abordagens

O reconhecimento da juventude como uma espécie de classe social, **produtora de uma cultura própria, conferiu relevância a este segmento** no contexto da sociedade. Logo surgiram algumas perspectivas de abordagens desta realidade, sobressaindo duas em particular: etapa problemática e fase preparatória para a vida.

A leitura da juventude sob o viés de etapa problemática associa o estrato juvenil da sociedade à ideia de liberdade, prazer, energia inesgotável, agitação, adrenalina, drogadição⁶, comportamentos exóticos, de risco ou sem limites. Entende que o ser humano vive o período da juventude como um tempo de experimentações, que, associadas à irresponsabilidade, rebeldia e contestação, tornam este momento propício a inúmeros erros. Assim, esta abordagem vincula a juventude às questões da desordem social e, conseqüentemente, à implantação de ações de controle social tutelar e repressivo pela sociedade, por meio dos poderes públicos.

⁶ **Drogadição** ou **Toxicodependência** é termo genérico criado para designar toda e qualquer modalidade de vício bioquímico por parte de um ser humano *ou* a alguma droga (substância química) *ou* à superveniente interação entre drogas (substâncias químicas), causada ou precipitada por complexo de fatores genéticos, bio-farmacológicos e sociais, incluídos os econômico-políticos (Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/>>. Acesso em 06 de junho de 2012).



A compreensão da juventude como fase preparatória, inscreve-se no que os estudiosos denominam de moratória social.⁷ Esta moratória implica esforços da família e da escola na preparação dos jovens, para a vida adulta e integração no convívio social e produtivo. Nesta ótica, após a preparação juvenil, caberia aos jovens assumir papéis da vida adulta percorrendo etapas: trabalhador, chefe de família, pai/mãe.

Abordagem típica de um período que passava às pessoas a sensação de uma realidade estável, e esta projetava um processo evolutivo ideal e linear para o ser humano: primeiramente, o processo de formação escolar; em seguida, viriam paulatinamente as primeiras experiências afetivo-sexuais, a posterior entrada no mercado de trabalho, saída da casa dos pais, casamento e domicílio próprio. Chegando a este último ponto, alcançaria a estabilidade de vida, que nossa época de mudanças deixou para trás. Aqueles cuja história de vida não apresentassem essa trajetória, seriam taxados de desajustados, pois apresentavam problema de socialização.⁸ Todas estas definições são produtos culturais e podem incorrer em contradições que se fazem presentes na história. Por isso, ao generalizar, incorre-se no perigo do esquecimento de elementos diferenciadores no universo das juventudes, e as projeções podem ser

⁷ O termo moratória social foi cunhado por Erik Erikson no fim da década de 1950 e atualizado décadas depois por Mario Margulis e Marcelo Urresti (MARGULIS; URRESTI, 1996). Embora a extensão e as características desta moratória variem bastante segundo as diferenças de classe social, gênero e geração, trata-se de uma noção útil para apreender a especificidade da juventude. Na sociologia da juventude, a ideia de moratória social associa-se às transformações ocorridas desde o início do século XX, no modelo de socialização dominante na Europa ocidental, sobretudo entre as famílias burguesas. Antes, os jovens eram socializados em meio a outras gerações, sendo treinados para a vida em contato direto com o universo adulto; nesse contexto, os jovens, diluídos entre outros grupos etários, não formavam uma categoria sociologicamente diferenciada. Posteriormente, no entanto, passaram a ser afastados da vida social e segregados em escolas com o objetivo de aprender as normas e regras da vida em sociedade. A partir de então, começam a se estruturar como uma categoria social específica (GOTTLIE; REEVES, 1968; GALLAND, 1997). Mantidos fora do sistema produtivo, os jovens passam a viver uma moratória, ou seja, ficam suspensos da vida social. Em certo sentido, este período representa uma oportunidade para o ensaio e o erro, para experimentações, durante o qual o jovem “constrói progressivamente sua identidade social e profissional e tenta fazer coincidi-la com um status acreditável” (GALLAND, 1996, p. 74). De outra parte, este processo também coloca os jovens em uma situação de alijamento dos processos de decisão e criação do social e, no limite, de marginalidade. In: Org. Jorge Abraão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino e Carla Coelho e Andrade. *Juventude e políticas públicas no Brasil*. Brasília, IPEA, 2009, p. 26.

⁸ Org. Jorge Abraão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino e Carla Coelho e Andrade. *Juventude e políticas públicas no Brasil*. Brasília, IPEA. 2009, pp. 25-26.



tanto positivas como negativas. Diante disso, alguns mitos⁹ nasceram na concepção de juventude:

1. **Mito da juventude dourada** – liga a juventude com o tempo livre, o ócio, o cultivo do corpo, beneficiário da “moratória social”. Os jovens são entendidos como despreocupados e só se mobilizam segundo seus próprios interesses. Esta visão se encontra nos meios de comunicação, os quais comercializam a “juvenização”.
2. **Mito da juventude cinza** – entende que os jovens de hoje seriam depositários dos males da sociedade como: competitividade, lógica do lucro, do cinismo, do espetáculo. Também: suspeitos, especialmente os jovens das periferias; politicamente apáticos; seres virtuais, sempre “navegando”, isolados do mundo e de seus problemas e injustiças.
3. **Mito da juventude branca** – menos antropocêntricos, estes jovens seriam vistos como personagens maravilhosos e puros, portadores da salvação ao mundo, também em relação à sustentabilidade socioambiental. Estes jovens saberiam contornar problemas que seus pais não foram capazes de resolver, como a desigualdade social e o predomínio do racionalismo, sabendo conjugar ética e estética.

2 A Juventude e a Sociedade

2.1 O impacto da mudança de época

O Texto Base da CF 2013 chama a atenção para a necessária compreensão do contexto atual, que é uma “mudança de época”.¹⁰ Esta mudança está marcada pelas transformações socioculturais que rompem com os paradigmas tradicionais, que até então estruturavam a cotidianidade das pessoas.

Os principais conceitos que fundamentavam a visão de mundo sofreram profundas modificações, chegando mesmo a suscitar certo desorientamento nas pessoas. Esta mudança de paradigmas é acompa-

⁹ Teoria da pesquisadora sobre o universo juvenil Cecília Braslavsky. In NOVAES, R. “Juventude, juventudes – Jovens das classes C e D frente aos dilemas de sua geração”, p. 5. Disponível em: <<http://fictv.cultura.gov.br/wp-content/uploads/2008/12/juventude-juventudes.pdf>>. Acesso em 08/06/2012.

¹⁰ Cf. CNBB, *Texto Base CF 2013*. n. 5.



nhada do acelerado desenvolvimento das tecnologias e da ciência. Neste quadro, a visão teocêntrica e o universo da fé foram relegados ao campo da *privacy*, considerados como estágio infantil da evolução humana.

As novidades trazidas pela revolução tecnológica imprimiu nas pessoas uma nova maneira de ser, o individualismo ganhou forma, a lógica do consumo e a ética utilitarista tornaram-se a base de uma sociedade, que não obstante tanto progresso se viu cada vez mais mergulhada em profundas crises existenciais. A título de exemplo servem-nos as consequências das grandes guerras mundiais, dos sistemas totalitários, e do abismo entre uma pequena parte rica e privilegiada e uma grande parte miserável e oprimida.

O Documento de Aparecida alerta a Igreja da América Latina e Caribenha a respeito da causa e consequência mais grave desta mudança: “*Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus*”.¹¹ Neste quadro, é evidente que uma inevitável crise de sentido atordoa as pessoas, destruindo suas relações comunitárias e afetivas. A família e a juventude são os grupos mais vulneráveis atingidos por essa crise.

2.2 A juventude e as desigualdades sociais

O segmento que a sociedade classifica como “juventude” apresenta uma faixa etária comum¹² e compartilha comportamentos e desejos semelhantes. Mas as condições de vida oferecidas aos jovens são desiguais.¹³

Situações socioeconômicas específicas como a renda familiar e o nível de desenvolvimento do local onde vivem, práticas discriminatórias e preconceitos ainda vigentes, tais como diferentes exigências advindas dos papéis/lugares que homens/mulheres ou indivíduos pertencentes a grupos raciais distintos tradicionalmente ocuparam na sociedade, tudo

¹¹ CELAM, *Documento de Aparecida*. n. 44.

¹² A Organização Internacional da Juventude entende que esta fase da vida da pessoa compreende a faixa etária entre 15 a 24 anos. No Brasil, a lei que criou a Secretaria Nacional de Juventude, o Conselho Nacional de Juventude e o PROJOVEM (lei 11129 – 30/06/2005), determina o período entre 15 e 29 anos.

¹³ Obs.: Essa desigualdade é demonstrada por dados estatísticos de um trabalho realizado pelo IPEA. Org. Jorge Abraão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino e Carla Coelho e Andrade. *Juventude e políticas públicas no Brasil*. Brasília, IPEA, 2009, pp. 29-34.



isso é determinante para as oportunidades concedidas aos jovens, e para suas possibilidades futuras.

A desigualdade no universo juvenil é uma das realidades que justifica a expressão “juventudes”, que se tornou usual, pois aponta para a diversidade de situações e demandas próprias dos jovens, mesmo que partilhem certas experiências comuns. O Texto Base da CF 2013 elenca uma série de desigualdades no âmbito social, tais como as desigualdades por renda, nos espaços urbanos, no ensino básico e médio¹⁴ e nas universidades, por raça e cultura.¹⁵

2.3 Juventude e a efetivação dos direitos

Diante das atitudes de exclusão, preconceito e opressão, “a juventude se organiza em juventudes”, para buscar a igualdade de condições, com a valorização da diferença, que é essencial para a manutenção dos direitos de forma plena e libertadora. O grande desafio é a sociedade como um todo perceber que as juventudes, como sujeitos de direitos, devem ser protagonistas na promoção e recepção das políticas públicas e na fomentação de uma espiritualidade fraterna e coerente.

Mundialmente, as juventudes estão se reafirmando enquanto sujeitos de direitos, com um movimento de contraponto aos modelos sociais e econômicos estabelecidos e propondo a necessidade de uma nova ordem. Vão às ruas, as praças, ocupam espaços políticos, redes virtuais e a mídia. Acontece na Grécia, na Espanha, no Chile, no mundo Árabe, um grande movimento de inquietação contra a opressão e a tirania.

E no Brasil? Eis um bom momento para somarmos a este coro, e deixar com que brilhe o rosto dos jovens que querem mais vida, especialmente diante de um contexto marcado por situações violentas, que assassinam inúmeros jovens e reduzem suas possibilidades no horizonte futuro.

¹⁴ Adolescentes de 15 a 17 anos são a maioria entre os brasileiros excluídos da escola, mesmo fazendo parte da faixa etária que deve ter atendimento obrigatório por lei desde 2009. Estudo realizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação mostra que esses jovens representam 42% dos 3,7 milhões em idade entre 04 a 19 anos fora da escola, ou um milhão e quinhentos mil. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2012-08-31/jovens-de-15-a-17-anos-sao-maioria-dos-excluidos-da-escola-brasileira.html>>. Acesso em 01/09/2012.

¹⁵ Cf. CNBB, Texto Base CF 2013. Brasília, Edições CNBB, 2012, n. 95-105.



O Texto Base da CF 2013 relembra que, com o debate estimulado e a participação de jovens na formulação, desde a década de 80 no Brasil, a implementação e gestão das políticas públicas avançou muito. Alerta, contudo, “que é necessário aprofundar e qualificar melhor o trabalho no que diz respeito principalmente à efetivação das políticas públicas formuladas nos espaços de participação, como as duas Conferências Nacionais de Juventude que aconteceram em 2008 e 2011”.¹⁶

2.4 O impacto das novas mídias no ambiente sociocultural

Vivemos num tempo de transições paradigmáticas, no qual a contemporaneidade inaugura novas formas de pensar, de viver, de sentir, de se relacionar, ou seja, novos “modos de ser” (novas formas de subjetividade). Todo este processo é afetado em grande escala pela *tecnociência*, na qual se destacam três áreas fundamentais: a *informática*, as *telecomunicações* e as *biotecnologias*.

A tecnociência teve uma influência importante no processo de transformação pelo qual passaram vários conceitos, que ao longo do tempo pareciam firmemente estabelecidos. Essas mudanças trazem consigo ambiguidades nos conceitos e estas, por sua vez, são responsáveis pela crise de muitas instituições que tradicionalmente delineavam papéis sociais e comportamentos, como a família, a escola e Igreja. Vemos despontar um novo tipo de sociedade, multicultural, mais dinâmica, mais globalizada, com maior acesso à informação, com o sentimento de que o planeta é a “casa de todos” e totalmente dependente das tecnologias digitais.

A tecnologia da informação e as telecomunicações avançam hoje num patamar nunca antes imaginado, novas tecnologias tornam-se obsoletas em pouquíssimo tempo. A capacidade de armazenar e transmitir informações torna-se maior a cada dia, equipamentos multifuncionais e de grande mobilidade tornam-se mais populares e acessíveis a uma camada maior da população.

Contexto em que, de todos os grupos sociais, a juventude é quem primeiro aparece intrinsecamente ligada às novas tecnologias, na medida gradual em que o acesso a essas tecnologias seja universalizado.

¹⁶ Cf. CNBB, *Idem*. n. 116.



Ávida por novidades, a juventude é o segmento com maior propensão a fazer uso da informática e das telecomunicações, a apropriar-se das suas vastas possibilidades, a promover novas utilizações, a levá-las à obsolescência ou recriá-las segundo novas necessidades. Mas já se constitui no instrumento fundamental para que os jovens exerçam o protagonismo que deles se espera.

2.5 A cultura midiática

Fator importante para a compreensão do universo dos jovens na atualidade é a cultura midiática,¹⁷

*“processo comunicacional que se realiza por meio dos chamados Meios de Comunicação de Massa (Mass Media), jornais, revistas, rádio, televisão, internet, instrumentos utilizados para comunicar, ao mesmo tempo, uma mensagem a um número maior de pessoas”.*¹⁸

Os jovens se constituem no segmento social mais adaptado ao manuseio desta tecnologia, interagem por meio destes instrumentos tecnológicos e pela internet estabelecem redes, cada vez mais importantes no universo juvenil, pelas quais além de relacionarem-se com outras pessoas, protagonizam ações de várias naturezas, como sociais e políticas.

As redes sociais se constituem em nova ambiência midiática, na qual os jovens se interagem com uma linguagem própria e são ouvidos, vistos, considerados. Esta comunicação é geradora de vida e a *“interação entre as pessoas e a formação de grupos de afinidade possibilita uma grande porta de acesso a todos, mas especialmente aos jovens, que têm construído suas relações a partir desses meios”*.¹⁹ No entanto, não podemos deixar de considerar os riscos da interação virtual, muitas vezes frágil e superficial. A melhor forma de comunicação e de interação é a presencial: o face a face entre pessoas não pode ser abandonado, dado que possibilita um compartilhamento mais significativo e gerador de compromissos. Igualmente, a eticidade nasce da autêntica alteridade, do encontro com o outro e de suas interpelações. É preciso proporcionar a

¹⁷ Cf. CNBB, *Idem*. nn. 33-54.

¹⁸ CNBB, *Idem*. n. 33.

¹⁹ CNBB, *Idem*. n. 37.



esta geração hiperconectada a possibilidade de conexões pessoais duradouras e resistentes às crises.²⁰

2.5.1 *Um novo modo de relacionar-se*

Desta forma, surgem rapidamente novos comportamentos, tendências, estilos de vida e expressões de subjetividade, e torna-se cada vez mais difícil prever a maneira de comportar dos jovens e dos seus grupos.

*“Eles querem ser autores e participantes dos processos de relacionamento. Em virtude disso, cada vez mais, as pessoas, as empresas, as escolas, têm deixado modelos hierarquizados, funcionalistas, para valorizar o ser humano, a gestão do conhecimento, a criatividade, a originalidade e o talento associados ao respeito, à individualidade e à busca da qualidade de vida, da valorização de si, do próprio corpo, do tempo livre, da afetividade, da família”.*²¹

2.5.2 *As novas gerações diante da sociedade*

Atualmente, os jovens dominam as relações de interatividade pelos novos meios de comunicação, o que lhes confere poder em vários ambientes, nos quais podem impor algumas mudanças. Em grande parte das famílias, as novas gerações se autoafirmam perante as mais velhas, pelo domínio da tecnologia e pelo conhecimento que adquirem. Este fato pode gerar isolamento dos jovens em uma família, mas também pode propiciar a manutenção dos laços quando distantes.

Esta tecnologia introduz modificações no modo do aprendizado, pois a interatividade abre nova perspectiva para pesquisas e contribui para se adquirir o conhecimento, possibilitando aos estudantes serem coagentes do processo.

Naturalmente, a amplitude da conexão leva ao contato instantâneo com o mundo todo e se partilham acontecimentos (i)relevantes ocorridos em todas as partes do globo. Esse tipo de contato instiga a uma abertura ao mundo com atitude de solidariedade, pois as redes de comunicação

²⁰ Cf. CELAM, *Documento de Aparecida*. n. 489.

²¹ CNBB, *Idem*. n. 40 – 41.



propiciam maneiras de inserção e contribuição efetiva em campanhas com diversificados objetivos.

Esse modo de inserção nas dinâmicas sociais, com a magnitude que ocorre, convida a atitudes mais críticas sobre os acontecimentos e temas discutidos. Assim, os jovens, mediante as intensas interações pelos meios de comunicação e novas ambiências midiáticas, protagonizam mudanças importantes em várias dimensões da sociedade e, por esses meios, têm oportunidades de atuarem de modo efetivo e edificador.

2.6 As formas de associação juvenis

As condições de vida enfrentadas pelas juventudes lhes impõem uma série de dificuldades: na aquisição de uma formação adequada; de inserção no mundo do trabalho; nas relações afetivas, com a fragmentação do núcleo familiar; são os mais afetados pela violência;²² acesso restrito aos bens culturais da sociedade, não são contemplados com as devidas políticas públicas.

Primeiramente, está claro que, apesar dos avanços socioeconômicos dos últimos anos, alavancados pela estabilidade econômica, relativo crescimento e programas sociais do governo, no Brasil ainda temos gritantes carências sociais que afetam diretamente grande parte da população e diminuem o horizonte de milhões dentre aqueles que formam as juventudes brasileiras.

Os números atestam um processo de desigualdade e exclusão na sociedade, gerando condições desiguais para os jovens, o que praticamente lhes determina postos secundários ou irrelevantes no mercado de trabalho e nas relações sociopolíticas, dificultando o exercício da cidadania que se espera de cada um num ambiente democrático. Consequentemente, dificulta-se o “empoderamento” dos seus direitos mediante ações autônomas e conscientes de forças alhures.

Existe uma lógica opressora no sistema-midiático-cultural, que gera uma cultura voltada para a dinâmica consumista do atual sistema de produção neoliberal. A cultura midiática explora a figura do jovem

²² Sobre o tema, o jornalista Gilberto Dimenstein afirmou em recente artigo: “O aumento vertiginoso do assassinato de jovens no Brasil é apenas um reflexo do que considero nossa maior bomba social: o abandono da juventude. É um tema que, apesar de todos os avanços, ainda não está na agenda do brasileiro”. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2012/07/18/nossa-maior-bomba-social/>>. Acesso em 28/7/2012.



e suas qualidades como meio para sua finalidade comercial. Contribui para uma espécie de juvenização da cultura, mas por outro lado associa sua imagem à violência, o que não contribui para que as políticas públicas realmente sejam direcionadas para soluções de problemas reais das juventudes. O contato dos jovens com esta realidade ocorre desde muito cedo, nas relações familiares, com reflexos na formação de sua subjetividade e identidade.

Esse contexto já introduziu modificações mesmo no que se entendia como juventude, tempo de preparação. Hoje, as trajetórias das pessoas não primam pela linearidade, alguns, logo cedo estão nas labutas pelo sustento, assumindo trabalhos precários e pouco rentáveis. Outros, às voltas com relações afetivas que os conduzem a responsabilidades conjugais e paternas/maternas, para as quais não estão preparados e nem têm suporte financeiro e, assim, prolongam a permanência na casa dos pais. Desta forma, o que se entendia por juventude fica no passado.

Deste modo, vemos essas profundas mudanças introduzindo grandes dificuldades para as juventudes, muitas vezes desamparando-as, até mesmo pelas instituições que se incumbiam do cuidado dos jovens, como a família e o próprio Estado. Os jovens têm dificuldades de encontrar espaços para uma sadia sociabilidade e posterior inserção nas estruturas sociais. Nesse sentido, nem mesmo as escolas podem garantir-lhes algo, pois a formação secundária não é mais garantia de emprego.

As juventudes se deparam com um futuro que aos seus olhos é cada vez mais incerto, indefinível e amedrontador. Por isso, se lançam na vivência do presente sem elaborar grandes projetos, a não ser o que indica a expressão latina *carpe diem*.²³ E, assim, pode-se entender o porquê dos índices de drogadição, alcoolismo, prostituição, entre as juventudes. Na tentativa de conceituar este drama dos jovens, já se cunhou a expressão “presente estendido”.²⁴ Lançar-se nas fruições do presente, é o modo que os jovens encontram para viverem em tempos de mudanças, fragmentação e insegurança.

²³ Trata-se de uma expressão latina cuja tradução literal é: “colha o dia de hoje”, aconselhando para se aproveitar o momento presente. O termo consta no livro das “Odes” de Horácio (65 a.C. – 8 a.C.), em que aconselha sua amiga Leucone na frase: “... *carpe diem, quam minimum credula postero*”. Uma tradução possível: “...colha o dia de hoje e confie o mínimo possível no amanhã”. Cf. <<http://www.significados.com.br/carpe-diem/>>. Acesso em 16/06/2012.

²⁴ LECCARDI, C. *Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo*. In *Tempo Social*, vol 17, n° 2, Nov., São Paulo: USP, 2005, p. 43. In



Apesar destas deficiências nas dimensões constitutivas da personalidade e sociabilidade humana, muitos jovens demonstram grande vitalidade e motivação para a vida. E numa era de mudanças, fragmentação e subjetivismo, pode-se ainda deparar com positivas formas associativas de jovens, tais como diretórios acadêmicos, partidos políticos, associações de bairros, ONGs. O Texto Base da CF 2013 elenca ainda outros grupos afins, como os grupos ecológicos e, com particular atenção, os das redes sociais.²⁵

Muitos desses grupos estão engajados na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, e não raras vezes têm obtido resultados bem sucedidos. Por isso, Sociedade e Igreja não podem de forma alguma desconsiderar este fenômeno, mas juntas delineiem princípios norteadores para que a luta, o protagonismo desses grupos, sejam pautadas pela aspiração ao bem comum e a uma vida mais digna e fraterna.

2.7 O protagonismo em um contexto de mudanças e fragmentação

A grande maioria da população, sem grandes sonhos, decepcionadas com o processo político e tomadas pela impotência, passam a focar o que é possível dentro do seu horizonte de realização. Surge uma maneira de ser protagonista, a partir de realidades e causas imediatas e quantificáveis, em uma situação palpável. Procuram abraçar causas concretas, com um objetivo específico, ações determinadas e até número de pessoas a serem atingidas. É o tipo de projeto que sensibiliza pessoas desacreditadas em projetos de grande envergadura, que fogem do raio de sua visão e domínio.

É um modelo que valoriza o ativismo privado,²⁶ pois se trata de ações e projetos concebidos sem a tutela do Estado, ou às vezes em par-

²⁵ Cf. CNBB, *Texto Base CF 2013*, n. 75-90.

²⁶ *“Terceiro Setor é a denominação adotada para o espaço composto por organizações privadas, sem fins lucrativos, cuja atuação é dirigida a finalidades coletivas ou públicas. Sua presença no cenário brasileiro é ampla e diversificada, constituída por organizações não-governamentais, fundações de direito privado, entidades de assistência social e de benemerência, entidades religiosas, associações culturais, educacionais, as quais desempenham papéis que não diferem significativamente do padrão conhecido de atuação de organizações análogas em países desenvolvidos. Essas organizações variam em tamanho, grau de formalização, volume de recursos, objetivo institucional e forma de atuação. Tal diversidade é resultante da riqueza e pluralidade da sociedade brasileira e dos diferentes marcos históricos que definiram*



ceria. Este ativismo privado se baseia em projetos bem concretos, com resultados claros, em que as pessoas envolvidas trabalham como voluntárias, a não ser que a iniciativa cresça e exija uma estrutura de manutenção, normalmente dispendiosa, como alerta o Papa Bento XVI, ao referir-se aos organismos internacionais com grande aparato burocrático.²⁷

O voluntariado sempre existiu nas sociedades, motivado por causas que vão desde as religiosas até as políticas. No entanto, agora se reveste de uma curiosa característica, funde-se com a noção de cidadania. Esta nova modalidade de voluntariado, na sua junção com a cidadania, ganha em eficiência na realização de projetos de mudanças sociais pontuais, restritas. Dentro desta lógica, um agir amplo, capaz de realmente mudar a sociedade, é substituído por um fazer²⁸ algo, como se estivesse produzindo algo, o que se assemelha à visão do sistema produtivo atual.

O processo de anulação da política se completa pela obtenção de um consenso construído mediante um discurso. Este consenso não é construído por meio de um debate, mas por um processo de apropriação e incorporação de outros discursos, mediante a resignificação dos termos e argumentos destoantes. Assim, forma-se um discurso capaz de se impor sutilmente às demais falas das diversas instâncias da sociedade, mesmo àqueles que tentam divergir no todo ou em partes. Portanto, surge um âmbito de política pública sem o sadio debate, sem agonia, um dos significados que se encontram na origem da palavra protagonista.

Nessa “nova forma” de fazer política, não se protesta, se coopera, não se cria, mas executam-se os projetos criativamente. O conflito é apaziguado ou mesmo omitido pelo discurso consensual, que homogeneiza a sociedade e amortiza as diferenças entre as classes e assim procede com outras tensões sociopolíticas.

Assim, é pertinente às sociedades atuais o conceito de “sociedade dos indivíduos”,²⁹ em que cada um, mesmo empenhado no “fazer” dos

os arranjos institucionais nas relações entre o Estado e o Mercado. FISCHER, Rosa Maria. *O desafio da colaboração; práticas de responsabilidade social entre empresas e terceiro setor*. São Paulo, Editora Gente, 2002, p. 45/46. ISBN 85-7312-373-7.

²⁷ PAPA BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, Brasília, Edições CNBB, 1ª Edição, 2009, n. 47.

²⁸ Hannah Arendt expressou sua teoria do agir na obra: HANNAH A.. “*A Condição Humana*”, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001.

²⁹ Conforme a teoria do sociólogo alemão Norbert Elias, Cf. ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.



projetos voluntários, pensa a partir de interesses particulares, pensar que pode se estender ao seu grupo, jamais à sociedade como um todo.

2.8 O protagonismo juvenil na cultura atual

Nos dias de hoje, o protagonismo da maioria dos jovens, nas diversas esferas em que vivem, ocorre a partir das novas ambiências de interação. O protagonismo deles passa pela conexão com outros jovens e com a esfera pública, quando se apresentam para cooperar, partilham o que pensam e mostram-se adaptados e habilitados para atuarem nessa sociedade global e complexa.

*“É comum entre os jovens a busca por experiências, o envolvimento e participação em atividades diversificadas. Eles se sentem motivados pelos desafios que esse novo universo comunicacional impõe. Nessa realidade, criam um novo modo de se relacionar e de assumir compromissos com a família, com a educação, com a sociedade, com a Igreja, com o ambiente”.*³⁰

3 A Igreja e a Juventude

3.1 O sentido da existência e o encontro pessoal com Jesus Cristo

A busca pelo sentido da vida é uma questão peculiar a todos os seres humanos nas mais diversas épocas da história, busca que se acirra em períodos de transformações como o atual. O jovem de hoje busca um sentido para sua vida, o que é pertinente e compreensível, pois uma crise de sentido marca nossa época. No entanto, para que essa afirmação seja adequadamente compreendida, deve-se entender o sentido não como uma necessidade em meio a outras, como a econômica, a social ou cultural, mas como a questão primeira a ser enfrentada por toda pessoa em sua existência no mundo. O sentido é que dirá quais caminhos seguir na vida, quando e porque se sacrificar, quais os valores a defender, o que esperar da vida e o que buscar no outro.

Mas é necessário ressaltar que o sentido da vida não pode ser mais entendido como uma espécie de princípio *a priori*, ao qual se deve

³⁰ Cf. CNBB, *Texto Base CF 2013*. nn. 42-43.



aderir por tradição ou imposição. Nem tampouco, uma construção, que cada um pode fazer como julgar mais cômodo ou adequado para si. O sentido da existência é uma descoberta que cada um deve fazer, em seu próprio contexto, em diálogo com sua própria tradição e as demais que venham.

3.2 O Encontro com Jesus Cristo

A Igreja, fiel guardiã do *depositum fidei*, testemunha ao mundo, que em Jesus de Nazaré, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, está a resposta para o sentido da vida e da realidade última do ser humano.³¹

Este é o grande tesouro da fé da Igreja, o encontro pessoal, não com dogmas e conceitos, mas encontro profundo e amoroso com a Pessoa³² mesmo de Jesus Cristo, morto e ressuscitado por amor ao mundo. A inestimável graça que brota deste encontro a Igreja a anuncia ao mundo e apresenta a cada jovem, para que em Cristo descubra o modelo do homem perfeito, criado à imagem e semelhança de Deus mesmo, que tende para a beatitude eterna.

A comunidade cristã nasce de um encontro com o Ressuscitado, da opção pelo projeto de Jesus de Nazaré, da fraternidade à qual Ele nos compele. O Documento *Evangelização da Juventude* já preconizava isto: “*Ser cristão significa conhecer a pessoa de Jesus Cristo, fazer opção por Ele, unir-se a tantos outros que também o encontraram e, juntos, trabalhar pelo Reino e por uma nova sociedade*”.³³

3.3 A capacidade humana de abraçar “o mistério”

A contemporaneidade também é marcada por uma compreensão de razão que restringe sua atuação aos limites das fronteiras da realidade material. Na modernidade, a razão tem como incumbência maior produzir, com o auxílio da técnica, e não se aventura mais em investigações nos âmbitos axiológico ou religioso, o que reduz e empobrece o seu potencial.

³¹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 10.

³² Cf. PAPA BENTO XVI, *Discurso aos jovens de Luanda*, 21 de março de 2009, n. 12.

³³ CNBB, *Evangelização da juventude*, n. 52.



Essa versão da razão procura ver o mundo de modo neutro, sem compromissos a não ser com os negócios e ganhos. Engendra o futuro nos laboratórios, distante da realidade concreta, com projeções para a sociedade e para as pessoas, mas não em função delas mesmas. Há um desajuste entre necessidade real e projeções laboratoriais. Esta razão instrumental a serviço da ciência não prima pela humanização.³⁴

O Papa Bento XVI tem abordado frequentemente este tema para além de um esforço apologético de defesa da fé perante os ataques da modernidade. Em seus ensinamentos, tem mostrado a necessidade da expansão da razão e de seu salutar diálogo com a fé. Seu intento é o de exortar à expansão do alcance da reflexão racional, de modo a ultrapassar os limites instrumentais e recuperar a capacidade de abraçar o sentido amplo da realidade.

Portanto, mais do que questão de erudição, trata-se de abertura do coração e da inteligência para algo que possa realmente transcender a aparência imediata das coisas. O segundo passo, neste diálogo entre fé e razão, é o exercício de discernimento ou julgar a realidade. Esta capacidade dá ao jovem a possibilidade de ir além da reatividade ao ambiente ou da indiferença provocada pelo individualismo e pelo niilismo. A partir do juízo, ele pode descobrir o próprio rosto e identificar espaços que contribuam para a construção de sua humanidade e da sociedade.³⁵

3.4 A afetividade

O sistema econômico neoliberal, hegemônico nas economias industrializadas, submete o processo de produção a muitas cobranças e a uma árdua competição, o que se reproduz no mundo vital das pessoas. Assim, o caminho para se alcançar a estabilidade e segurança também passa pela mesma dinâmica, o que faz a lógica da graça soar particularmente estranha no horizonte das relações entre as pessoas.

Dessa forma, apresenta-se como um grande desafio, para a sociedade atual, redescobrir uma afetividade que não se restrinja à subjetividade do sujeito, e se estabeleça a partir do embate com as várias facetas da realidade. Superar o individualismo e a competição, que tolhem da

³⁴ GILBERT, P. *A paciência de ser*. São Paulo, Editora Loyola, 2005, pp. 34-40.

³⁵ Núcleo fé e cultura PUC-SP, coordenação – Francisco Borba Ribeiro Neto, *Observações para uma Campanha da Fraternidade com o tema juventude*. São Paulo, 2011.



sociedade a possibilidade de relações de gratuidade, é fundamental para se acolher os valores que edificam e humanizam todos os âmbitos das relações.

3.5 O empenho na transformação da sociedade

Neste tempo de profundas mudanças em que vivemos, as quais afetam o modo de ver a si mesmo, o mundo e o outro, o jovem é chamado a desenvolver uma consciência crítica e construir espaços alternativos de vivência. Para que, assim, se geste o que pode vir a ser um horizonte possível para a sociedade e um caminho alternativo, viável para o advento de uma estruturação social mais justa e condizente com a dignidade das pessoas.

O jovem deve protagonizar ações solidárias e perceber que abraçar causas que requerem seu empenho, enriquece e alegra. As interpelações são muitas, como as do universo juvenil, que clamam inclusão social, o combate aos processos de marginalização e a violência contra os próprios jovens. Diante disso, não podem permanecer indiferentes, quer numa vivência subjetiva fechada, quer num grupo de convivência igualmente fechado às interpelações da realidade e aos problemas que afetam as juventudes e a sociedade.

3.6 A conversão pastoral e a opção preferencial pelos jovens

A Campanha da Fraternidade 2013 quer apontar, como a atitude mais fundamental para a práxis em favor do protagonismo juvenil, a conversão pastoral da Igreja aos jovens, implícita na própria opção preferencial³⁶ por eles. Entendida como “uma atitude de autoavaliação e de coragem para mudar as estruturas pastorais obsoletas da Igreja”, que nasce da responsabilidade da fé assumida diante de Deus mesmo, esta conversão não significa uma mudança externalista em razão do *marketing* da fé.³⁷

A conversão pastoral deseja superar o dualismo entre teoria da fé e práxis da fé, entre mudança pessoal e mudança social, entre conversão interior e conversão de aparência. A elaboração de um consistente instru-

³⁶ CELAM, *Conferência de Puebla*. Petrópolis, R. J., 1979, n. 1186.

³⁷ Cf. CNBB, *Texto Base CF 2013*. n. 238-239.



mento teórico para a evangelização da juventude implica necessariamente a revisão dos métodos pastorais, da linguagem e da mediação dos novos instrumentos de comunicação social.

Acolher efetivamente os jovens e ouvi-los, abrir-se às suas propostas com sinceridade e responsabilidade, constituem etapas fundamentais desta conversão pastoral. E o Texto Base da CF 2013 conclama a isso todo o corpo eclesial: Pastores, religiosos, seminaristas, catequistas, movimentos eclesiais e novas comunidades, os próprios jovens, “são convidados a se inserir profundamente nas estruturas desta mudança de época, a encontrar novas linguagens para o anúncio do Evangelho, a testemunhar o amor de Jesus a cada jovem, a utilizar os recursos modernos de comunicação, das artes, dos esportes, enfim, tudo aquilo que possa ser útil e recomendável à consciência cristã”.³⁸

3.7 Repensar as atitudes e posturas pastorais

A partir destes pressupostos fundamentais, para as pistas de ação que possam gerar mudanças transformadoras no campo pastoral, seja em âmbito pessoal, social e eclesial, é justo, portanto, remeter a um aprofundamento das propostas do próprio Texto Base, que porta em si o sopro fluente do Espírito que ecoa na voz das comunidades da Igreja no Brasil.

Que esta Campanha ajude a favorecer os espaços e os momentos para um encontro pessoal com Jesus Cristo; oferecer a melhor catequese, que lance as bases da fé e introduza o jovem no mistério de Cristo e simultaneamente eduque para a criticidade, atitudes pastorais fundamentais para a acolhida e evangelização da juventude. Saibamos valorizar o Setor Juventude e os novos movimentos e comunidades, que são celeiros de vocações e verdadeiras escolas de discipulado.

Para isto, precisamos da coragem e da conversão pastoral para rever nossas posturas e instrumentos de anúncio. Quantas vezes nossos métodos e centros catequéticos são obsoletos e desintegrados das novas tecnologias que favorecem o anúncio do Evangelho! E ainda, muitos dos nossos catequistas, despojados de uma formação sólida que possa responder às demandas polêmicas em relação ao próprio conteúdo da fé. Em relação ao protagonismo jovem, temos de repensar se nossa abertura

³⁸ CNBB, *Texto Base CF 2013*. n. 246.



e acolhida aos jovens e às suas propostas tem sido efetivas. A história da Igreja nos mostra quantos jovens, em épocas diferentes, foram propulsores de mudanças importantíssimas no âmbito eclesial, contribuindo para uma renovação autêntica da comunidade cristã, tal como se deu em Francisco, o pobre de Assis!

Caritas Christi urget nos! (II Cor 5,14). Assim, que Deus ilumine os nossos passos no caminho da fraternidade em favor das juventudes, e a Santa Virgem Maria de Aparecida nos ajude a responder também *fiat mihi* (Lc 1,38).

Conclusão

A Campanha da Fraternidade, ao escolher o lema “*Eis me aqui, envia-me!*” (cf. Is 6,8) renova sua confiança nos jovens e crê que eles são capazes de responder com profundidade de vida aos mais nobres intentos que existem no coração humano, como tais vindos de Deus mesmo.

Os inúmeros grupos juvenis presentes no seio da Igreja e que de forma maravilhosa são manifestos nos grandes eventos jovens, como a Jornada Mundial da Juventude, são a maior prova concreta e motivação, nas quais nossas pastorais podem visualizar a força operante de Jesus Cristo no mundo de hoje.

Toda realidade pode ser evangelizada. O amor de Cristo nos compele a sermos discípulos missionários da Palavra da vida que “*nós vimos com nossos olhos e tocamos com nossas próprias mãos*” (I Jo 1,1). O jovem, assumido como *locus teologicus*³⁹, é o protagonista de uma verdadeira ação missionária, capaz de despertar no coração dos homens e mulheres deste mundo o sentido mais profundo da existência humana.

A análise do contexto atual revela diversos desafios na concretização do protagonismo juvenil, sejam em âmbito social quanto eclesial. Somente uma abertura e acolhida efetiva dos jovens, que brote de uma sincera e autêntica conversão pastoral e social, pode reconhecer a força do jovem como construtora de um mundo mais justo, fraterno e inspirado por uma espiritualidade fiel aos valores éticos e fundamentais do ser humano.

³⁹ CNBB, *Idem*. n. 192.



O Texto Base da CF 2013 quer ser o eco da voz do Espírito presente nas comunidades eclesiais da Igreja no Brasil. Ouvindo e proclamando “*o que o Espírito diz às Igrejas*” (Ap 2,7), ele conclama os ministros ordenados, os religiosos, os seminaristas, os catequistas, os líderes sociais, os pais e os educadores e os próprios jovens, a se empenharem na formação juvenil, no objetivo de construir uma nova sociedade, que tenha por base a fraternidade, o respeito às diferenças, a justiça e a paz.

No coração de cada jovem, através da Igreja, Jesus Cristo continua a bater. Se este o escuta e lhe abre a porta, Ele entra e, através de uma ceia amorosa, ressignifica a vida, a existência deste jovem (cf. Ap 3,20). Da força deste verdadeiro encontro pessoal com o Ressuscitado, só pode brotar do coração do jovem e do ser humano em geral uma resposta de amor corajosa: “*Eis-me aqui, envia-me!*” (cf. Is 6,8).

Endereço do autor:

Caixa postal 02.037
70259-970 Brasília, DF